

MÚSICA TODA

GUILHERME CAMPOS
CONTOS



MÚSICA TODA

GUILHERME CAMPOS
CONTOS

© 2023 por Guilherme Campos

Todos os direitos desta edição são reservados a
Guilherme José Campos da Silva
Rua David Carneiro, 328, ap. 503, São Francisco
Curitiba-PR. CEP 80.530-070.
Fone: (041) 99182-5124
E-mail: guilherme_campos66@hotmail.com
Instagram: guilhermecampos40

Coordenação editorial
Alvaro Collaço

Ilustrações e capa
Seiji Sato

Design e diagramação
Cid Alonso Pierin

Fotografia
Sergio Silvestri

Revisão
Ellen Miecoanski Dias

Assistência de produção
Melina Arins

Revisão do italiano
Leniara Pellegrinello Camargo

Captação de recursos
Itamar Paciornik

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silva, Guilherme José Campos da
Música toda / Guilherme José Campos da Silva. --
Curitiba, PR : Ed. do Autor, 2023.

ISBN 978-65-00-89963-4

1. Composição musical 2. Canções e música
3. Contos brasileiros I. Título.

23-187571

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Este livro foi impresso na Vitória Gráfica e Editora, em Curitiba.
Composto em papel Offset 90g.
Capa em papel Triplex, 250 g.

SUMÁRIO

Apresentação.....	07
Acordei pensando que era Luiz Melodia.....	09
Bachianinha brasileira.....	13
Sonata em compasso composto.....	17
Quintas paralelas.....	25
Serialismo.....	29
Prelúdio, Divertimento e Fuga.....	33
Coral (Cosí fan tutte).....	37
Noturno Op. 8, Nº 17.....	43
Rubatos.....	47
Ainda é cedo (Amor).....	51
Deus lhe pague.....	55
Língua (desvios).....	57
Under the bridge.....	61
Quarteto de cordas.....	63
Crispação.....	69
Terças e terça.....	73
O cravo bem temperado.....	77
O julgamento (Ata) Ah! Tá.....	85
Canção vetusta.....	93
As quatro canções.....	97
Sem querer.....	101
Wagneriana.....	105
Réquiem.....	119
Guia Música Toda.....	124

A P R E S E N T A Ç Ã O

A narrativa do Guilherme surpreende pela sua densidade. Como observador do mundo ele é extremamente perspicaz e, como escritor, muito generoso compartilhando essa visão tão aguçada e profunda da vida.

Neste livro ele ainda nos surpreende trazendo à narrativa a sua vivência como músico, sons, percepções, memórias afetivas. E, assim como num jogo de realidade aumentada, o texto se amplia, se desdobra à nossa percepção.

Numa primeira leitura, fui seguindo as palavras e imaginando a música contida ali, o que me deu uma sensação de cumplicidade com o autor: Ahá! Eu sei do que você está falando! Mas não se trata de um livro para ler uma vez só.

Me propus a uma segunda leitura, onde fui parando sem pressa e buscando cada citação musical. Decidi momentaneamente suspender a leitura e ouvir a canção, ou simplesmente deixar a música tocando e seguir lendo. Tudo se tornou ainda mais profundo e mais bonito: a música, o conto e a vida.

Porém terminei alguns contos sem entender o que ele estava querendo dizer. Foi quando percebi que não havia identificado nenhuma música ali dentro: esta era a questão, me faltavam referências musicais. Tive de investigar com mais atenção, desconfiar de palavras ou expressões... após uma rápida busca, lá estava a música citada, para mim desconhecida, enchendo de sentido aquele conto enigmático.

Caro leitor, o que vem a seguir é um mergulho profundo no Oceano das Palavras. Cada palavra uma gota, mil gotas refletindo partes da vida... E quando distraído, você estiver para sempre submerso entre as ricas gotas deste mar, subitamente será resgatado pelo desfecho da estória de volta à superfície, lá onde a realidade ainda é formada por começo, meio e fim.

Como um caleidoscópio de surpresas, entre as vagas deste Oceano surge a música, inserida de muitas e diferentes maneiras:

Às vezes como frasco reunindo as gotas e definindo a forma.

Às vezes apenas como sentimento, aquele que habita a música.

E, de repente, percebo que estou bebendo da mesma fonte de onde saiu uma melodia, reconheço alguns versos e descubro ainda muitos outros que também fazem parte, mas não foram cantados. Deixo-me ficar imersa nessas gotas de poesia, na profundidade, lá onde nascem as canções.

Segue a leitura, uma gota, duas gotas, muitas gotas e já estou vendo um músico por inteiro, por dentro e por fora, quase ouvindo a música que ele produz...

De repente me dou conta, são apenas palavras, mas ali está a “Música Toda”.

Zélia Brandão

*Instrumentista, compositora,
produtora e escritora*



UM DIA ACORDEI PENSANDO QUE ERA LUIZ MELODIA



A convicção era plena. Eu era Luiz Melodia e ouvia o som da minha voz, o olhar múltiplo, o gingar corpóreo no caminhar intrínseco da dança e o ritmo naturalmente sincopado até mesmo no falar. Bem desperta, após uma noite pesada, a convicção permanecia, talvez não com tanta força, mas o pensamento persistia. Talvez eu deva ocultar alguns detalhes, o primeiro deles era que eu não tinha aquela voz contundente e definitivamente estupefacente, brilhante e metálica quando necessário; aveludada e arrebatadora nos arcos de tessitura mediana. Eu também não tinha a inspiração das palavras de amor, de dor, que poderiam rimar ou não, mas atingiam sempre o âmago da alma numa prosódia linda e métrica luxuosa.

Eu caminhava serena naquela manhã, mesmo ocultando detalhes em pensamento, continuava a imaginar que era Luiz Melodia. Ocultava não ter a pele negra, portanto não podia me orgulhar da rítmica intrínseca de natureza atávica, não podia me orgulhar da luta que se vence a cada dia, não podia me orgulhar da crença palpitante de santos heroicos.

Eu não tinha o sexo de Luiz Melodia, mas me inteirei do assunto sem haver engano. Não sou pérola negra, mas vou ocultar este detalhe também porque naquela manhã eu pensava que era Luiz Melodia e não queria me dar outro nome, pois a sonoridade me parecia perfeita, não haveria outro som, outro nome, outro ritmo que pudesse se encaixar em mim que não fosse esse.

Talvez eu deva ocultar mais detalhes, o detalhe que não canto. Da minha boca os sons saem numa tonalidade razoável, numa tonalidade medíocre. Não num sentido pejorativo, mas eu assumo que os tons que saem das minhas cordas vocais são medianos, muito mais por ter um timbre comum do que por ser mezzo-soprano. Oculto também que de longe teria aquele ritmo, aquele swing, aquela ginga de acentuações contrapontísticas, de síncopes bem-marcadas e contratempos de todas as ordens. No máximo um quatro por quatro equidistante.

Eu acordei pensando que era Luiz Melodia e tinha toda a inspiração do mundo para compor canções que extrapolariam a temporalidade, num antagonismo ao imediatismo efêmero das paradas de sucesso, que nos inundariam com o tilintar das emoções legítimas.

Já no final da manhã, a minha caminhada a esmo exigia uma direção. Afinal precisamos de um destino, ou não. O pensamento pela primeira vez naquela

manhã apresentava uma ponta de fugacidade. Algo me dizia que eu não era Luiz Melodia. Não me convenci assim tão fácil. Por que eu não era Luiz Melodia?

A primeira ideia que me ocorreu é que não sou homem. Estacionei em frente à primeira vitrine que encontrei. Percebi que estava em Copacabana, caminhava nas estreitas calçadas e sob a marquise parei e observei minha imagem diante do espelho. Tinha cabelos compridos. Isso seria suficiente para corroborar com a ideia de que não sou homem? Tantos têm cabelos compridos. Mas Luiz Melodia realmente não tem esses cabelos longos, lisos, louros que se apresentavam diante de mim. Confesso certa decepção.

Examinei, de forma bem discreta, tateando sorratamente meu sexo para me certificar de que não era homem. Eu estava em público, portanto não poderia proceder um exame detalhado do meu corpo para uma correta e definitiva avaliação comprobatória da minha sexualidade.

Segui a caminhada; Não acredito que uma única evidência possa ser tão contundente a ponto de destruir um pensamento que me pareceu tão nítido no instante que me percebi acordada naquela manhã. Decidi continuar minha jornada.

A segunda ideia que me ocorreu é que não sou negra. Examinei as partes do meu corpo que estavam à mostra e constatei que realmente não era negra, incontestavelmente não sou negra. Os pés, as pernas, os braços, o rosto, todos de uma brancura contrastante com a vida numa cidade tão ensolarada.

Decidi mudar minha trajetória. Segui pela orla. Apreciar o mar, as pessoas na areia caminhando, jogando, tomando sol, conversando, comendo. Do calçadão a vista era privilegiada, mas o sol, neste horário próximo ao meio-dia, se fazia presente de forma avassaladora e contribuía para uma confusão no pensamento. Parei diante de um pequeno bistrô na Avenida Nossa Senhora de Copacabana. A cada garfada observava minhas mãos, meus braços, meus gestos, meus sons, meu existir. Minhas ações não deixavam provas que corroborassem com a ideia de que eu poderia ser Luiz Melodia. Observem que essa conjugação na condicional demonstra evidentemente a cogitação da dúvida. Definitivamente a dúvida se instaurava em mim. Poderia precisar que estávamos no meio do dia e a certeza do amanhecer não era mais a mesma.

Cheguei ao meu destino.

Todas as questões de ordem burocrática estavam resolvidas. Contas a pagar, quase sempre em excesso; compras a fazer, quase sempre mais que o necessário; casa pra limpar, quase sempre quando não queria; médico pra visitar, quase sempre sem vontade; trabalho a fazer, nem sempre com vontade; taxas a pagar, comida pra cozinhar, vizinho pra incomodar, parente pra visitar, cachorro pra cuidar, roupa pra

lavar, passar, e toda ordem de fazer coisas ordinariamente iguais. Eu era definitivamente uma pessoa normal.

Decidi caminhar em outra direção. Passei por outros bairros da cidade, vi outras pessoas, outras ações criando novos destinos. Mesmo com o esfacelamento das minhas convicções o convencimento não se fez absoluto, ainda ecoava a ideia de que eu poderia ser Luiz Melodia. A possibilidade inversa me causava uma controversa decepção.

Não conhecia tão bem a cidade do Rio de Janeiro e essa constatação poderia ser usada contra minha pessoa como mais um indício que desmerecia meu pensamento da sua própria convicção. Tateando por ruas históricas e bairros lendários, perguntando a transeuntes sempre dispostos à interlocução intensa e vociferada, trafegando com múltiplos modais e rotas diversas cheguei ao Estácio. Esse deveria sempre ter sido o meu destino, pois aqui encontraria a resposta para a questão tão perturbadora que afligia o meu ser. Mesmo sabendo que ter o Estácio como destino também era prova contundente contrária ao meu pensamento, aqui eu estava. Vim sem medo, vim convicta que enfrentaria a verdade para elucidação total; eu necessitava saber definitivamente se era Luiz Melodia.

Ouvi os sons do Estácio, das pessoas, das casas, das senhoras, da velha guarda, do auxílio luxuoso de um pandeiro e aprendi que jamais poderia ser Luiz Melodia, pois eu não era a Música em si.



BACHIANINHA BRASILEIRA

Para Nilcea e Mario da Silva Júnior



Que instrumento é esse? Você não acha muito grande pro teu tamanho? Como vai carregar? E é tão caro! E essas cordas!? Parecem tão grossas pras tuas mãos pequenas? Olha o peso disso! Você já ouviu o som que ele produz? Essa música! Secretamente pensava: nunca tinha percebido interesse tão contundente.

O encantamento das ondas sonoras, dos harmônicos graves que compõem o timbre do instrumento foi determinante. A contaminação foi imediata, o som vetusto e melancólico inspirou um desejo irrefreável de tocar. A tenra idade, a origem humilde, a distância cultural, a distância física, a distância financeira não foram impedimentos para seguir o som que inspirava, atraía num magnetismo entorpecente. Estudos, horas de estudos, dias de estudos, meses de estudos intermitentes; os primeiros sons em instrumentos não temperados nem sempre são agradáveis aos ouvintes periféricos, para a ouvinte principal o mundo dos sons era um universo muito especial, uma verdadeira orientação para a vida e agora se revestia de um sentido artístico, cheio de beleza, de sutilezas e nuances misteriosas que davam um novo brilho à vida.

Vou ter que comprar um carro pra carregar esse instrumento? Como vou levar você para as aulas? E esse trânsito maluco? Curitiba já não é mais a mesma! No meu tempo não existia engarrafamento! Sorte ser só uma vez por semana! Esses seminários intermináveis não vão acabar? Mas a apresentação de final de ano estava tão linda! Que quarteto lindo! Pena esse teatro não ter elevador, nem rampa, que trabalho subir essas escadas, eu sempre te falei, que instrumento pesado!

As intermitências do discurso notoriamente eram meros mantras, pois o orgulho estampado na face denunciava uma emoção contida, uma emoção maternal que extrapolava as veias do diálogo lógico objetivo.

O encantamento das melodias do quarteto de cordas, da apresentação do tema, das vozes num divertimento, da reexposição, da coda, dos ouvidos atentos, dos ouvidos emocionados, das polifonias harmônicas, dos aplausos ritmados geravam em Laura uma convicção inabalável. Os movimentos cuidadosos até o camarim, os cumprimentos entusiasmados, as palavras suaves, os elogios contidos, os apertos de mão sensíveis, os abraços efusivos, os sorrisos sinceros compensavam as infinitas horas de estudos, os calos nos dedos, as viagens cansativas, as pesquisas extensas, as memorizações inevitáveis. Um sentimento preciso.

Você tem certeza que quer entrar nessa faculdade? Faculdade de música? Tem muita gente louca nessas faculdades? E a banca? A banca da Belas Artes? A mais temida, será que eles terão um olhar sincero pra você? Mas você toca tão lindo... Quantas vagas tem? Você passa! Passa sim! Você toca tão lindo, estuda tanto! Toque aquela música na prova, a gente acha uma cantora pra cantar contigo! Aquela música é muito linda! Tá, tã,tã,tã, tam, tã,tã,tã,tam! Mesmo com a cantora no centro das atenções você faz aquela parte linda, uma espécie de introdução assim!

O encantamento com o saber se multiplicava. Mesmo com toda a burocracia do mundo acadêmico, a perspicácia, a perseverança, o talento e o entusiasmo lutavam, como os rochedos resistem às investidas do mar, em manter a música no campo da magia, da fantasia, do misterioso sempre que tocava. Sempre que ouvia os aplausos, os elogios, as orientações, as críticas, as respirações profundas se lembrava da primeira vez em que ouviu aquela melodia, as vozes num divertimento, o timbre insinuante, grave e melancólico, lembrança que trazia novamente a razão do todo.

Orquestra? Tocar numa orquestra? Que maravilha! Mas São Paulo, aquela cidade enorme, como você vai se localizar lá? É uma cidade pra doido! Engarrafamento todo dia, fumaça, milhões de pessoas, metrô, como vai se arranjar? Santos? Mas é São Paulo do mesmo jeito! É longe! Litoral! Longe! Onde vai morar? Vai se alimentar direito? Como vai se locomover? É emprego fixo? Vão pagar direitinho? Por que não me falou antes? Já? Tão cedo? Vou contigo nos primeiros tempos. Até arranjar onde morar e tal!

O encantamento do coletivo, todos aqueles sons, a afinação dos instrumentos, os clusters tonais e tímbricos, a batuta do maestro, toc, toc, toc, na estante de música, as vozes dispersas que não precisavam sentido semântico, o silêncio quase absoluto que antecedia a respiração do maestro, entrada precisa para iniciar. Todos os compassos memorizados na fórmula, nas notas, nas pausas, nas dinâmicas, nas fermatas, nos acentos, nas barras. Todos os timbres absolutamente distinguidos nos seus harmônicos densos, todas as vozes distintas nos momentos exatos de rarefação e condensação; imitações coordenadas, fugatos expressivos e polifonias absolutamente resolvidas em sonoridades expressivas. O entusiasmo do público percebido nas palmas efusivas tangenciava num momento lúcido o papel da arte em emocionar.

Um apartamento? Acho melhor! Mas tem que ter elevador, e porteiro de preferência. Dá pra ouvir o som do mar? E sentir a brisa? Tem mercadinho perto? A sala é grande? Tem espaço pro teu instrumento? Tem que ser silencioso, pra você estudar! A vizinhança é boa?

O encantamento do entorno, os sons do mar, do asfalto, das pessoas a caminhar,

das conversas entrecortadas, dos trabalhadores das ruas, do comércio a funcionar.

O vento no rosto, o calor do sol na pele, o encantamento das vozes da polifonia da cidade nova; todos os sons detalhadamente memorizados, todos os tempos milimetricamente calculados, a sinfonia da vida nova pulsante nos pequenos timbres de cada instrumento. As árvores, as placas, os sinais a cada quadra; as lojas, os pontos, os cruzamentos e seus sons característicos compunham a música cosmopolita que pulsa.

Um cachorro? É enorme! Fofó! Como vai caber neste teu apartamento? Tão pequeno? Certo que vai te fazer companhia. Não morde? É treinado? Ensinado direitinho? Não vai atrapalhar teus estudos? Ele gosta da música? Que foofo! Que graaaaça! Meu Deus, fica mesmo!!! Toca aquela do Bach que eu adoro! Tã,tâtãtaamtã; tã,tatataamtã. Ele fica quietinho!

O encantamento das relações nos tatos, nos afagos, nos afetos, nos sons, nas trocas, nas peculiaridades, nos sentidos, nas ausências, na presença. O encantamento das relações verdadeiras, das relações imperfeitas, das relações prosaicas simplesmente nas autenticidades diárias de detalhes momentâneos, detalhes de encadeamentos e conexões perenes. O encantamento com a vida que se tornava plena, no cotidiano que se repetia de melodias corriqueiras dos sons ao seu redor.

Segurava firme na coleira, ou melhor, no enforcador. *Primeiravez* a sonoridade chocou: enforcador! Descobriu que o termo era esse mesmo, assim mesmo, ela que era uma neófito amante dos animais.

Passou cheirando, quase redundância, as touceiras de plantas beira-mar que seguravam a areia, levantou a patapé e urinou de pouquinho em cada canto e suas pataspés então espalharam areia e depois as patasmãos patinaram e cavaram. No intermitente diálogo Laura seguiu convencida que o interlocutor a compreendia nos mínimos detalhes de cheiros, ares, calores, ventos, brisas, mares e desvios.

Caminha, segue a rotina firme no enforcador. *Segundavez* já mais acostumada, aquela raça exigia. Fogoso, carinhoso, manso, segundo a dona não morde, pode pegar, fazer carinho.

Segue, para, pensa para atravessar, há que esperar.

Ouve o sinal e segue na avenida Beiramar, ouve com atenção. O vento uiva, o lobo uiva, por ora só o vento.

Passo a passo aquela caminhada até o número *trezensessentaiseis*, primeiro andar. Seu João abre o portão, sempre gentil - gostava da voz do Seu João, era todo gentil, suave, tranquilo, até nos dias de calor. Segura o elevador, segura a coleira,

segura. *Primeirandar, primeiraporta, primeirachave* à direita, ele vai direto para seu recinto, água e comida, ofegante, língua de fora.

Laura vai direto para a cozinha, a pia se encontrava logo à direita, o pó se encontrava na primeira porta do armário sobre a pia, o filtro se encontrava logo à direita do pote de pó, a cafeteira se encontrava logo à direita da pia, a colher se encontrava logo à direita no pote, a água se encontrava ao abrir o misturador à direita.

Duas medidas de água e esperar o característico ruído, o cheiro. A caneca se encontrava na segunda porta do armário sobre a pia, *serrvirr, cheiiiiirar, sorrverr s u a v e m e n t e*. *Sorrverr* novamente, *cheiiiiirar* novamente, *serrvirr* novamente, *s u a v e m e n t e*.

O Violoncelo se encontrava ao lado da cadeira no centro da sala, o arco deitado ao seu lado. As primeiras arcadas testando a afinação, aperta a terceira corda, mais um pouco. Uma pequena escala para aquecer os dedos. Duas arcadas, três arcadas em cada corda.

Repete o pequeno ritual introdutório, quase um mantra para só então iniciar a música.

Si-mi num glissando expressivo; mi-fá# num legato contínuo; fá#-sol num crescendo contínuo; sol-mi num sforzatto; respira... ritornelo. De todos os instrumentos que poderia ter escolhido para ser musicista, o violoncelo. Tinha plena convicção de que fora influência do Villa.

Após a última nota um pequeno uivo do cão-guia.

SONATA EM COMPASSO COMPOSTO

1º Movimento – A Beleza

Allegro appassionato

A sensação foi nítida de que todos os conceitos se unificavam, toda relatividade imposta à percepção da beleza caía por terra quando vi Helena pela primeira vez. Juro, com toda a sinceridade da minha alma, mesmo sendo um amante de Homero, que não fui influenciado pelo nome. A beleza que se busca no alinhamento cósmico, a beleza que se respira na conformação da natureza, a beleza que provoca risos, admiração, consternação, calma, paz, não descrevem. A beleza de Helena era vulcânica, causava abalos sísmicos, maremotos, tsunamis. Sim, eu mobilizaria quinhentos exércitos para resgatar Helena, eu sequestraria Helena mesmo com a possibilidade de provocar uma guerra, mesmo causando desterros, desmatamentos, descarilamentos. Eu levaria Helena.

O corpo esguio, a pele lisa, os cabelos encaracolados, os olhos que sorriem. O andar elegante e ritmado num caminhar preciso. A simpatia no sorriso de sinceridade absoluta. A boca precisa e os dentes de uma alvura cintilante. Discreta nas medidas, nada de exageros para nenhuma direção; para nenhum comprometimento de equilíbrio, as formas se apresentavam equidistantes, no prumo.

Como poderia me aproximar após edificação de tamanha idolatria? Observava a distância alimentando meu platonismo autêntico. Habitávamos os mesmos ambientes ocasionalmente. Na mesma corporação estávamos em andares diferentes, mas por ocasião de cafés, reuniões genéricas, entradas e saídas ocorriam encontros esporádicos.

Uma verdadeira providência numa manhã despretenhosa. Ao findar uma reunião, após intervenções convergentes, inevitavelmente ficamos a trocar impressões, resoluções, proposições sobre emolumentos burocráticos ora entediantes, ora pragmáticos, ora justificados. Nos pequenos hiatos nos permitimos sutis incursões de pensamentos autênticos, de filosofias mais abrangentes que o universo de planilhas, projeções futuras, investimentos, processos, entre outras formalidades entediantes do nosso cotidiano.

Esse pequeno vislumbre de uma nova faceta de Helena foi transformador. A inteligência, a percepção de mundo, a sensibilidade sociológica eram arrebatadoras para impulsionar sentimentos desestabilizantes. Eu tinha consciência de que a beleza física interferia na apreciação do discurso. Eu me debatia com a racionalidade para tentar analisar os posicionamentos, as avaliações, as convicções. Nada me fazia

descrever que Helena era portadora de notável inteligência. Sua voz nasalada sem exagero apenas para compor um timbre levemente metálico era marcante. A dicção claríssima e a tonalidade precisa contribuíam para a nitidez do discurso. E todo aquele aparato de qualidades que poderiam tender a uma postura mais sisuda, séria e de antipatia segregadora na realidade vinha acompanhado daqueles sorrisos, Helena sorria com os olhos, e este abrir de expressões faciais equilibrava deixando uma aura de encantamento contagiante. Eu estava numa cilada, tinha criado uma armadilha mitificando Helena como se realmente ela tivesse saído de uma tradição oral literária milenar.

O tempo articulado por todos, filosofado por muitos, é objeto de infindáveis elaborações teóricas sobre suas implicações na vida. Cura todas as feridas, resolve todos os problemas, guarda todas as sabedorias, é um senhor tão divino, entre tantas outras abordagens criativas sobre o tempo. Eu, particularmente, vinha utilizando o tempo como álibi para a minha covardia. Deixando o tempo passar elaborando complexas justificativas e mirabolantes teorias para adiar um impulso que crescia dentro de mim. Uma necessidade latente que não podia mais aguardar, não podia mais ser protelada, não podia mais, sob pena de provocar cataclismos internos irremediáveis neste constrito coração, tão pequeno que quase desaparecia via esofágica quando Helena passava.

Talvez fosse dia vinte e um, talvez dezessete, talvez quinze. Realmente teria alguma importância saber que dia seria? Talvez. Um encontro fortuito, normal entre duas pessoas que trabalham na mesma corporação, mesmo que em setores diferentes, no mesmo edifício, na mesma sede, no mesmo andar, tudo o mesmo, somente a insegurança do sentimento talvez não fosse a mesma. Eu, particularmente, tremia por dentro, mas por fora toda habilidade de contenção muscular. Fiz o convite!

2º Movimento - O jogo

Andante un poco adagio

Os segundos que separam o fim do arco sonoro da última palavra da frase interrogativa até a primeira manifestação de reverberação contrária são objetos de estudo da mais elaborada técnica de escrita de contos de terror, suspense e mistério. Pânico! Ela sorriu. Primeiro com a boca, em seguida os músculos faciais foram se abrindo até chegar aos olhos, sua marca registrada que completava o sorriso abrangente de encantamento múltiplo. Isso poderia ser um bom sinal, mas, como já explicitamos, era sua marca registrada, poderia ser mero reflexo por achar engraçado o convite, por sentir pena – a pior das hipóteses, por querer ganhar tempo

para elaborar uma desculpa ou simplesmente por sentir vontade. Disse “sim”!

Ela disse “sim”. Os anjos dizem “sim”, Molly Bloom disse “sim”, o maestro disse “sim”. O turbilhão de contentamento derrubou todas as muralhas e o passo seguinte foi decidir qual seria o programa. O jogo da disputa foi de ludicidade explícita, de prazeres intrínsecos, de contornos labirínticos, deixando um rastro de cumplicidade só comparável a décadas de convivência plena. A obviedade do acordo consensual de primeira incursão não carece de exposição. Após cada um abrir seus leques de possibilidades a predileção maior de cada um seria atendida na mesma noite, e seria uma surpresa para ambos.

Após os primeiros olhares, os primeiros gestos, os primeiros toques, os primeiros sentares, os primeiros andares, estávamos diante do teatro. O olhar de Helena foi de surpresa e curiosidade ao mesmo tempo. Repousou em suas mãos o programa do concerto: Sonata op. 120 n^o 1 de Johannes Brahms para piano e clarinete. Fez um olhar misterioso e sorriu. Não se lembrava de ter assistido um recital de música erudita ao vivo.

Eu era admirador compulsivo de música erudita, estudei piano até a adolescência. Quase desisti da ideia durante o nosso jogo, mas eu tinha uma adoração incontrolável por esta sonata de Brahms, porém neste concerto minha atenção estava voltada diretamente para Helena, com extrema expectativa sobre suas reações, aprovações, surpresas.

Foi contundente, na apresentação do tema do primeiro movimento as expressões faciais de Helena deixavam clara a emoção arrebatadora com o encontro das duas belezas. Helena e a sonata, melodias perfeitas, harmonizações claras, ritmo equilibrado, complexidade coerente. Tudo na medida certa, sem exageros, sem ornamentos desnecessários, todas as notas no lugar, todos os acordes nos seus intervalos perfeitos, maiores e menores, todas as resoluções bem resolvidas. Helena e a sonata. Cada movimento peculiar no seu andamento, no seu equilíbrio, os dois instrumentos num diálogo perfeito, numa complementaridade definitiva. Helena revezava um olhar de surpresa, de alegria, de emoção, de contentamento. Ao final do recital só restou aplaudir com entusiasmo, com alegria, com gratidão e segurar uma lágrima que insistia em eclodir.

3^o Movimento – Os olhares silenciosos

Allegretto grazioso

Após os aplausos efusivos, cumprimentos sinceros, uma pequena pausa. Agora eu saberia da segunda parte. Para onde iríamos? Qual seria o programa

predileto de Helena? O que realmente ela gostava de fazer nas noites frias curitibanas quando não necessitamos trabalhar no dia seguinte?

Eu estava agora no lugar de Helena. Ela me observava, observava meus gestos, meus olhares, minhas reações. Durante o transporte, num breve silêncio, senti nossos olhares se cruzarem como nunca antes, compenetrados, estáticos, impassíveis nos aproximando. Ela pegou minha mão. Todos os gestos eram inéditos, todos os gestos eram novos, eram de um frescor perfumado.

Paramos em frente a um enorme restaurante num bairro típico italiano de Curitiba. Eu nunca tinha entrado ali, mas sabia o que se passava lá dentro. Tive um pequeno acesso de desespero desencadeando uma risada discreta, mas convulsiva por dentro e exclamei: – Eu não sei dançar!

Helena, enquanto descíamos, foi revelando sua paixão pela dança, em especial a dança de salão, a dança a dois, a dança em par. Foi descrevendo com sua voz levemente nasalada com um toque metálico os passos básicos da dança, tentando me convencer de que amadores também podem ser bons dançarinos.

Aos poucos fui me ambientando, um jantar suave e delicioso, um pouco de uísque com guaraná, uma conversa extremamente agradável e a beleza de Helena que deixava tudo sempre mais encantador. A orquestra tocava ao vivo sempre ritmada, afinada e com um bom som. Helena me convidou pra dançar, apesar das minhas insistentes súplicas não pude arredar do pacto, afinal tínhamos jogado um bom jogo, um jogo de sinceridades, um jogo de regras bem definidas e estávamos ali.

Ao som de um bolero que eu já conhecia, adentramos ao salão. As orientações básicas, mão direita na cintura, mão esquerda colada na dela. O movimento começou a me agradar, a proximidade de Helena era contagiante, o rosto colado, o perfume e a voz murmurante dizendo são dois prá cá, dois prá lá. Fomos crescendo em empolgação e bem ritmados rodávamos pelo salão. Os movimentos circunscritos não impediam todas as sensações, as mãos, os olhos, o peito; senti seu corpo inteiro e o calor dos nossos rostos colados não desviaram os batimentos do meu pequeno e constricto coração, que pulsava no mesmo ritmo de Helena, e o primeiro beijo foi inevitável.

Ali, girando mais que os casais, riscamos com nossos pés no piso do salão um vislumbre de futuro, de estarmos juntos, de projeto de vida, de casa arrumada, de espera no portão, de cachorro na sala, de filhos prováveis, de envelhecermos juntos, de precipitações imediatas, de fascinação mútua, de desejos evidentes, de interações latentes, de fim de expediente, de fim de semana, de fim de ano. A música chega ao fim. A música que nos embalou nos eternos murmúrios “são dois prá cá, dois prá lá”.

Sentamos à mesa novamente. Estávamos extasiados. Sentei-me com a sensação

de que gostava de dançar desde o início dos tempos, só não sabia disso. Helena sorriu daquele jeito, com os olhos novamente, pedimos mais um uísque com guaraná, dançamos mais uma música, mais muitas músicas e a conexão que se formou era quase inacreditável. Mãos coladas, olhares silenciosos, beijos sequiosos, estávamos exauridos.

Ainda com pequenos movimentos de dança, ritmados, levantamos, nos dirigimos para a saída, ainda com sorrisos nos rostos, ainda com as mãos coladas, ainda com o frescor no hálito do primeiro dia, ainda com os olhares investigativos de universos a serem descobertos; caminhamos até a saída. Quando nos deparamos com a rua, Helena para, como um gentleman deixei Helena ali, junto aos manobristas de camisas brancas e coletes marrons, sob a marquise de vidro transparente que permitia ver o céu. Retornei ao salão para buscar a bolsa, os documentos, a identidade de Helena estavam lá. Fui com pressa, com ansiedade, com urgência em estar novamente com Helena.

Da porta ouço sons indecifráveis, sons múltiplos, sons desafinados, sons intrusos que não deveriam estar ali, vidros estilhaçando, estampido de arma, pneus e freadas, vejo os manobristas de camisas brancas e coletes marrons, vejo o corpo estendido no chão, vejo o vermelho do sangue contrastando com a pele negra de Helena, vejo todas as realidades escurecerem a minha vida.

4º Movimento – Frente a frente

Vivace

Mulher baleada em frente a restaurante no típico bairro italiano de Curitiba. Não era exatamente a manchete ainda, apenas a pauta convocada pelo editor. A urgência da notícia, do furo de reportagem, das entradas ao vivo, de ganhar a audiência à custa. Desta vez não respondemos com a pressa necessária, eu e meu companheiro cinegrafista, o Juvenal. Onze anos nesta emissora de segunda categoria, que realizava um jornalismo sensacionalista para preencher a pauta daquele apresentador néscio, que só pensava em se candidatar a vereador. Estava cansado dessa merda toda, Juvenal me confortava de tempos em tempos, um bom companheiro, bom profissional, tinha bons contatos, sabia sempre os melhores enquadramentos, se é que existiam bons enquadramentos para este tipo de reportagem. Mas, afinal, todos tinham que pagar as contas não só ao final do mês, mas todos os meses.

Ao chegarmos ao local do ocorrido o circo já estava armado. Vários departamentos de polícia civil, polícia militar, outras emissoras, jornais, curiosos e principalmente os envolvidos. Os contatos com as autoridades são sempre

importantes, além das informações, as declarações são sempre fundamentais. Conhecer os canais encurta os caminhos, facilita o trabalho e significava voltar mais cedo pra casa.

A rotina nesta profissão embrutece, cicatriza, enrijece e transforma qualquer tipo de sensibilidade humana em aspereza. Tá lá o corpo estendido no chão. Quase sempre que cubro um assassinato eu me lembro desta música. Sempre há um corpo como ponto de partida para contarmos a história. O restaurante é famoso em Curitiba, provavelmente não vai querer este naipe de publicidade, mas para o nosso canal eles não davam muita atenção, não tínhamos uma audiência tão significativa assim.

Me aproximei, como de costume, das autoridades presentes buscando, como de costume, informações preliminares. Em seguida busquei testemunhas diretas e indiretas, também como de costume. Os depoimentos são sempre dramáticos, o âncora adorava, sempre rendia ibope. Também como de costume, troquei com colegas de profissão possíveis informações que pudessem auxiliar ambos. Como de costume caminhei até o corpo, mas fugindo ao costume me deparei por tempo mais prolongado observando o corpo.

Começava, também por mero hábito, cacoete, praxe, vício até profissional a descrição da vítima da tragédia. Era uma mulher linda, mesmo desfalecida ali, inerte, sem vida, sem energia, os olhos fechados, sem qualquer movimento, era possível perceber uma beleza inegável da vítima. Fiquei perturbado com aquela beleza, o contraste do vermelho com a pele negra, os cabelos encaracolados... tive de me afastar. Disfarcei como se fizesse algumas anotações enquanto o Juvenal me enchia de perguntas sobre ângulos e necessidades de focos e necessidades de gravações e necessidades de imagens e outras necessidades que simplesmente me pareceram surreais naquele instante.

Conversei com os manobristas de camisas brancas e coletes marrons, crachás prateados, sapatos lustrados e cintos afivelados. O restaurante era requintado e percebi que o uniforme dos manobristas corroborava uma ideia de sofisticação sustentada pelo estabelecimento. Um deles tinha um ferimento e estava sendo atendido pelos profissionais socorristas. Detalhes de como os marginais se aproximaram, como deram voz de assalto, como um deles se assustou com um gesto do outro manobrista que vinha desavisado, como a criança que segurava uma arma se precipitou, como ele foi agredido pelo mais velho, como eles invadiram o carro do cliente, como saíram em disparada, como o corpo caiu ao chão, como o namorado vislumbrou a cena e se desesperou, como o socorro não chegou a tempo, como a vítima suspirou pela última vez ali na frente deles.

Entrei no restaurante. Não sei exatamente o motivo, mas o Juvenal não me

acompanhou. Dentro do restaurante o movimento também era intenso, o serviço estava interrompido, os clientes já tinham ido embora quase todos, ali os funcionários, repórteres, socorristas, policiais de vários departamentos e no centro do salão um jovem sentado numa cadeira. Era Carlos, o acompanhante da vítima. Nem sempre conseguimos relatos nestas horas, mas dever de ofício tentar. O apresentador tinha predileção por situações como estas, quando parentes dão relatos inflamados, revoltosos, emocionados, ele sempre aproveita essas situações e demagogicamente incorpora um ar dramático, interpretando como se assumisse pra ele a revolta alheia, a ira alheia.

Confesso que a visão da vítima me trouxe uma ponta de perturbação que não sentia há anos. Ao me aproximar do acompanhante percebi, pelas interlocuções com meus colegas de profissão, que o rapaz não estava falando com ninguém. Já tinha relatado preliminarmente para autoridades sua versão dos fatos, mas não se comunicava com nenhum dos jornalistas presentes. Puxei uma cadeira e me sentei diante de Carlos, cruzei um dos braços, o direito, apoiando o cotovelo esquerdo e levando a mão à boca, fiquei nessa posição observando o rapaz por longos minutos. Os colegas foram desistindo aos poucos, alguns buscavam novas informações, novos ângulos, novas abordagens falando com todos os que estavam à volta num movimento que nós já estávamos acostumados. Os mais dinossáuricos, como eu, cumpriam os protocolos burocraticamente como numa repartição, de forma pragmática, loucos para voltar para casa. Mas um movimento novo, de algo que estava de reserva no interior, se fez presente e decidi ficar ali, na mesma posição, observando o rapaz não como um profissional, não desta vez.

Após muitos minutos, o rapaz balbuciou algo que não pude compreender. Aquilo me despertou de um leve transe em que me encontrava. Desperto, pensei rapidamente que deveria dizer algo, interagir. Afinal, após tantos minutos, tantos repórteres, ele balbuciava algo. Olhei firme para ele e disse com voz serena: – Ela era muito bonita, de uma beleza contundente.

Ele se aproximou. Lentamente iniciou os detalhes de primeiras observações, de despertar para presença, de desejar coincidências, de observar aparências, de se impressionar com sorrisos, de encontros formais, de se apaixonar pela forma. De reencontros esporádicos, de trocas pragmáticas, de compartilhamentos empresariais, de avanços pormenores, de vislumbres sutis, de inteligências múltiplas, de se apaixonar pelas ideias. De contornos ocasionais, de aproximações intencionais, de protelações duvidosas, de incertezas angustiantes, de decisões corajosas, de se apaixonar pelas ações. De encontros marcados, de felicidades explícitas, de esperas ansiosas, de sudoreses juvenis, de surpresas ocasionais, de se apaixonar pelos detalhes, pelos olhares, pelos sorrisos. De concertos magníficos, de

melodias belíssimas, de acordes maiores, de cadências condutivas, de resoluções à dominante, de sobreposições intervalares, de se apaixonar verdadeiramente. De caminhar de mãos dadas, de locomoção aproximada, de flutuar no salão, de trançar de pernas, de murmúrios aos ouvidos, de compassos compostos, de sonhos vislumbrados neste mesmo salão, de se apaixonar pela vida inteira mesmo que num único dia.

Ele falou bem baixinho. Entendia agora aquela música. Décadas ouvindo aquela música de uma beleza absurda e contundente mas com uma nota obstinada bem no fundo. Um sentimento que perpassa de melancolia para quase tristeza estava sempre lá; era bela, definitivamente era beleza, era profundidade, era a proximidade da perfeição cristalizada que só poderia se dar no tempo, na passagem do tempo, no instante.

Estarrecido, sai do salão. A canção voltou à minha mente. Tá lá o corpo estendido no chão. Eram quatro horas da manhã, não havia silêncio que pudesse servir de reza, mas eu impulsivamente rezei com o resquício de religiosidade que ainda habitava em meu ser. Sem pressa os profissionais se dispersavam, cada um pro seu canto, pensando nas contas a pagar, na edição do dia seguinte, no editor fazendo pressão, na audiência do seu veículo, na manchete e no lead.

Eu também pensei nas contas a pagar, nas contas em atraso, no carro velho a consertar, no supermercado a fazer, na escola dos filhos, nas roupas velhas, na comida requentada. Mas pensei também em como seria possível banalizar uma cena não de frente pro crime, mas de frente pra uma vida. Olhei atentamente para o Juvenal e disse “adeus”! O néscio do apresentador não fará seu discurso pra vereador.

QUINTAS PARALELAS

Regra de ouro, o professor de harmonia enfatizava. As quintas paralelas são proibidas, elas simplesmente acabam com a condução das vozes, elas desarmonizam! Ele falava esse “desarmonizam” com dramaticidade, com uma voz propositadamente desafinada, com tom ameaçador, como se acabasse com todo encantamento das notas musicais. As pessoas pensam que escrever músicas só depende de talento, que é algo que nasce com a pessoa, que é só ouvir e sair escrevendo a partitura, cantando a melodia, tocando o instrumento. Triste ilusão; é tanto estudo, são tantas melodias, escrevia tantas vozes e nem sempre as notas harmonizam. Vozes em movimentos contrários, vozes oblíquas, vozes paralelas, vozes imitativas, tantas vozes. Pensou em desistir do curso de música, afinal, sendo bem sincero, só tinha começado a tocar violão para se tornar mais sociável, sair da casca que o cercava. Dobrou as partituras, colocou na sua mochila e saiu a caminhar pela Rua Emiliano Pernetá.

Não sabia exatamente o porquê, mas os músicos exerciam uma atração contundente nela. Pressupunha serem pessoas mais sensíveis, despojadas, um tanto quanto livres das regras, rebeldes por natureza. Isso a atraía, dava uma sensação de libertação de tantos preceitos, de tantos comportamentos estigmatizados a que deveríamos corresponder. Ela mesma já havia tentado, mas com certeza não tinha talento e muito menos paciência para tanto, assim ela pensava.

Chega! Não aguentava mais, não suportaria aquele curso... pelo menos por hoje. Adorava caminhar, organizava as ideias. Muitas melodias habitavam sua mente, uma verdadeira polifonia, não conseguia se libertar dos temas, mesmo os que julgava ruins. Ao chegar à esquina, observou a placa indicativa da rua novamente, Emiliano Pernetá. Foi inevitável e imediata a lembrança dos poemas. Um hiato bem significativo da última vez que leu, mas foi uma leitura contundente, aqueles poemas cheios de sensualidade, surpresas, musicalidade tomaram o lugar dos temas musicais. ***E ela a roçar em mim, doce tentação...***

Retoma sua caminhada em direção ao Centro da cidade, gostava de Curitiba, principalmente no verão. Quando dobrou a esquina e se percebeu na Rua Emiliano Pernetá, a coincidência do pensamento com a memória do poema foi inevitável. *Era um dia de sol, fino e voluptuoso...* As lembranças lhe encheram de vontades, de desejos que ressaltavam a solidão. A cada passo uma lembrança latente, a cada

esquina a constatação de como é solitário andar por entre as gentes.

Precisava urgentemente pôr um pouco de pragmatismo nesta caminhada, do lado direito da rua, onde figurava a numeração ímpar. Subia em direção ao bairro Batel, se distraiu das necessidades urgentes e tediosas da vida cotidiana. Pagar contas, fotocopiar documentos, fazer compras e toda sorte de burocracias que insistem em nos lembrar que somos absolutamente normais. A musicalidade intrínseca aos poemas evidenciava a singularidade latente do seu existir, mesmo em ruas tão movimentadas, barulhentas, cheias de transeuntes em todas as direções.

Estava ali também, na Rua Emiliano Pernetta, o endereço do escritório que necessitava, do lado esquerdo da rua, onde figuravam os números pares. A urgência dos emolumentos burocráticos do cotidiano era imperativa, determinante para desviar os devaneios, as sensações, as elucubrações e a constatação evidente de que estava só. Mas a esperança, assim como os cometas, surge com certa periodicidade, afinal estava, naquela manhã de quinta, numa rua que estampava o nome de um poeta, um poeta inspirado que remetia ao amor, à sensualidade, ao simbolismo de um dia ensolarado, luminoso, com borboletas; uma quinta-feira de sonoridades adjacentes, isso soava como um presságio. Sentia que tinha escorregado novamente.

Avança mais um quarteirão, sempre em direção ao bairro. Entre tantos rostos diferentes, uma fisionomia peculiar, uma fisionomia reconhecível, amigável, não; engano, somente mais um rosto na multidão. Uma memória fugidia de um curso do passado, de um conhecido que por vezes frequentava algumas aulas de música. Um interlocutor agradável, cheio de conexões entre o que se cantava e o que se escrevia. Pensou sobre o tempo, sobre harmonias sem resoluções, sobre vozes paralelas, sobre versos cantáveis. Caminha até a revistaria logo em frente.

Talvez nesta revistaria pudesse resolver o último de seus problemas para esta manhã. Talvez, resolvendo este, se sentisse mais solta para devanear livremente nesta caminhada em direção ao Centro da cidade. Talvez pudesse caminhar sem destino certo, sem compromisso com endereços, com direções a seguir, simplesmente caminhar pelo próprio movimento. Ao entrar na revistaria um rosto conhecido, surpresa? Não, mero engano. Uma memória fugidia de um curso do passado, um interlocutor agradável que por vezes frequentava as aulas de linguística na mesma turma, era cheio de conexões entre o que se escrevia e o que se cantava. Pensou sobre uma manhã límpida de quinta-feira, sobre os versos simbolistas, sobre vozes num divertimento, sobre melodias intrínsecas até abreviar o devaneio por necessidades pragmáticas.

Retoma a caminhada, sempre na mesma direção. Ao se deparar com o cruzamento, entre as ruas Emiliano Pernetta e Brigadeiro Franco, sente uma vontade latente de atravessar a rua. Não era uma necessidade, não tinha absolutamente nada de ordem prática para resolver do outro lado da rua. Apenas foi uma sensação que do outro lado a caminhada seria mais agradável, mais amena, teria uma vista melhor, mais sol. Realmente não conseguia uma explicação lógica para esta vontade, mas tendo todos os requisitos ordinários da vida sanados, pelo menos por aquele instante, se deu o direito de atravessar a rua. Assim, sem necessidade, sem objetivo prático, sem lógica. Esperou o sinal abrir.

Retomou a caminhada, sempre em direção ao Centro de Curitiba. Ao se deparar com o cruzamento, entre as ruas Emiliano Pernetta e Brigadeiro Franco, sentiu uma vontade latente de atravessar a rua. Desses rompantes ocasionais que nos fazem mudar de direção. Não podia detectar a origem. Sem pensar mais que alguns segundos nas razões fundamentadoras de desvio de rota, agiu. Só foi interrompida pelo imperativo do sinal para pedestres.

Ao abrir o sinal, eles caminharam em sentido contrário, galgando a primeira faixa de pedestres tingida no chão negro do asfalto dilacerado. A luz daquele dia persistia enquanto eles avançavam para a segunda faixa de pedestres caminhando em sentido contrário, um defronte ao outro em passos polirrítmicos, seguindo à terceira faixa naquela manhã ensolarada de primavera curitibana. Os passos permaneciam metronômicos, as faixas permaneciam horizontais, os carros permaneciam parados, o sinal permanecia aberto (para pedestres), o encontro foi inevitável. **Hoje, uma borboleta, assim, toda amarelada...** foi o verso que surgiu na mente dele. Não houve um contato físico propriamente dito, mas foi possível sentir o deslocamento do ar tamanha proximidade do quase se tocar. **Por mim roçaste a cabeleira escura...** foi o verso que surgiu na mente dela. Um aroma, a princípio indecifrável, foi marcante, incisivo, de presença inexoravelmente perceptível. **Esse perfume...** Povo a mente dela. **Sabes que o teu perfume é uma loucura...** Inevitável presença.

E continuaram suas trajetórias opostas nas ruas transversais, nas ruas adjacentes, nas ruas paralelas, nas ruas da cidade, na cidade dos transeuntes versados ou não, caminhando num paralelismo típico cosmopolita. No fundo da memória de ambos... **Foi-me um gozo cruel, áspero e curto...**



SERIALISMO



Vivace

Acordei. Verdadeiramente um pesadelo. Esqueci o computador, justo agora no meio deste trânsito impossível. Qualquer estratégia de voltar implicaria em atraso. Hoje, justo hoje! Tenho aquela apresentação, todos os dados estão no computador. Será que na nuvem está atualizado? Fatalmente serei despedido. Como pude esquecer bem em tempo de crise? Demissão sumária, justa causa. Pense num caminho alternativo, contornar, um corta-caminho, um atalho; não há a menor alternativa, essas coisas não existem mais em cidade grande. Por que morar numa metrópole?

A decisão tem que ser rápida, a solução tem que ser rápida, a atitude tem que ser rápida. A apresentação tem que ser precisa, a apresentação tem que ser convincente, a apresentação tem que ser contundente, minha vida depende disso, meu emprego depende disso, meu sustento conseqüentemente. Em tempos de crise. A crise faz isso com as pessoas. O sistema faz isso com as pessoas, o peso de todas as partículas sobre seu corpo.

A angústia se fez plena, tomou conta de todos os espaços físicos. Ocupou todas as células nervosas e as sinapses do meu cérebro. Ela se fez mais pesada que o sistema, mais contundente que a apresentação, mais eficaz que a decisão e infinitamente mais rápida que a solução. Ela se apossou do meu corpo causando sudoreses, causando estremecimentos, causando sufocamento, causando desespero, causando mais angústia.

Os carros continuavam lá fora, as buzinas estavam acionadas, os semáforos abriam e fechavam no mesmo ritmo anterior à minha percepção do ocorrido. O céu continuava límpido naquela manhã de outono em Curitiba e as obras da Avenida Visconde de Guarapuava eram incessantes. A sonoridade polifônica da cidade permanecia e ignorava completamente o meu episódio, a minha angústia; o meu desespero não fazia a menor diferença para o pulsar da cidade. Os carros, as motos, os ônibus, os táxis, os aplicativos, os transeuntes, os cachorros na praça, as árvores a soltar suas folhas, as pessoas com olhar aborrecido olhando pro chão com cara de

segunda-feira, a previsão do tempo que afirmava que iria chover. Se não fosse curitibano estranharia uma manhã límpida, transparente de sol ardente em pleno outono e uma previsão de chuva. A fumaça dos carros, o som estridente dos motores e das buzinas, as caras mal-humoradas dos motoristas, o olhar repressivo dos pedestres, tive que engatar a marcha e movimentar um pouco. Tudo isso acontecia absolutamente independente, totalmente indiferente ao que acontecia comigo nesta manhã de segunda-feira com ares de outono em Curitiba.

Certa fluidez pode ser observada nas quadras seguintes, o que me fez ter esperança, o que me fez acreditar novamente, o que me fez julgar que essa história teria um final feliz, mesmo sem apresentar o personagem, mesmo sem um prelúdio explicativo, mesmo com inversões, espelhamentos, sobreposições, mesmo com abordagens retrógradas e com a teoria do conjunto para harmonizações coerentes, a angústia não dava sinal de abrandar. Ela persistia bravamente e dominava sem trocadilhos estruturais perceptivos de analogias às estruturas fundamentadoras dos encadeamentos musicais, a angústia estava ali, na dominante, nota sensível ao extremo.

Adágio

Como uma nota que surge em meio a um cluster, apareceu paulatinamente, suavemente. Era uma ideia fugidia, ocupava uma ínfima parte do pensar, mas estava lá. Apesar de insipiente era contundente, marcante, com personalidade, bem definida em seus contornos e em suas reentrâncias, na constituição dos mínimos detalhes. Pulsava. O sistema é magnânimo, é exorbitante, é enorme, infinitamente maior, mais pesado, com uma capacidade de constrição além de qualquer *Eunectes Murinus*. Mas é preciso aceitá-lo, é preciso anuência, é preciso sancionar os desígnios que nos impõe.

Aquela velha ideia de morar no interior, como árcaico que quer buscar a natureza externa e interna. Imaginou uma cena bucólica, uma cena em adágio, o lago, a grama, o bosque ao fundo, os pássaros cantavam, as ovelhas pastavam e o guizo dava sinal de que alguma vida inteligente se harmonizava ali. Os odores, resquícius delicadamente escondidos na memória sugeriam ares vetustos, mas de uma veracidade crível de possibilidades. Os movimentos eram pensados, os sons observados, os ares sentidos e as harmonizações comungadas.

Andante

Comungadas as harmonizações e os ares sentidos, os sons observados, os movimentos pensados. Possibilidades de veracidades críveis, de ares vetustos surgiam da memória escondida delicadamente em resquícius e odores. Ali se harmonizava a vida inteligente que o guizo dava algum sinal, pastavam as ovelhas,

cantavam os pássaros e ao fundo bosques, o lago, a grama, uma cena em adágio, uma cena bucólica, uma cena imaginada.

Moderato

Impõem-nos os designios sancionados e precisos, de anuência precisa, de aceitação precisa. Aceitar a constrição de qualquer *Eunectes Murinus* é além de uma capacidade, é mais pesado, infinitamente maior, enorme, exorbitante e magnânimo é o sistema. Pulsava na constituição dos mínimos detalhes, das reentrâncias, dos contornos bem definidos, da personalidade marcante e contundente apesar de insipiente. Estava lá, ocupava uma ínfima parte, fugidia era uma ideia. Suavemente, paulatinamente apareceu um cluster no meio, como uma nota que surge.

Nota sensível ao extremo a dominante estava ali, angústia dos encadeamentos musicais fundadores de estruturas análogas perceptivas. Sem trocadilhos ela dominava bravamente e persistia. Não dava sinal de abrandar, nem mesmo com a teoria do conjunto, nem mesmo com abordagens retrógradas, sobreposições, espelhamentos, inversões, com prelúdios explicativos, nem mesmo com apresentação do personagem essa história teria um final feliz. O que me fez julgar, o que me fez acreditar novamente, o que me fez ter esperança de que nas quadras seguintes poderia observar certa fluidez.

Curitiba em outono com ares de segunda-feira acontecia tudo isso. Movimentar um pouco e engatar a marcha tive, pedestres com olhar repressivo, motoristas com caras de mal, buzinas e motores estridentes com som, carros e suas fumaças. A chuva e uma previsão de outono em ardente e transparente e límpida manhã; estranharia se não fosse curitibano. Chover iria, afirmava a previsão, com olhar aborrecido, olhando pro chão com cara de segunda-feira as pessoas, as folhas das árvores, os cachorros na praça, os transeuntes, os aplicativos, os táxis, os carros, os ônibus, as motos. O pulsar da cidade ignorava e permanecia na sua sonoridade polifônica. Incessante eram as obras na Visconde de Guarapuava Avenida naquela manhã de outono na Curitiba de céu límpido. Anterior à minha percepção do ocorrido, os semáforos que abriam e fechavam, as buzinas acionadas, os carros lá fora continuavam os mesmos.

Prestíssimo

Causando mais angústia, causando desespero, causando sufocamento, causando estremecimentos e sudoreses, ela se apossou do meu corpo. Infinitamente mais rápida que a solução, mais eficaz que a decisão, mais contundente que a apresentação, mais pesada que o sistema ela se fez. O meu cérebro com suas sinapses e células nervosas foi ocupado. Ela tomou conta dos espaços físicos e se fez plena.

Corpo seu sobre as partículas todas pesadas. As pessoas fazem isso com o sistema. As pessoas fazem isso em tempos de crise. O meu sustento consequen-

temente, o meu emprego conseqüentemente, depende disso a minha vida. Contudente tem que ser a apresentação, convincente deve ser a apresentação, precisa deve ser a apresentação. Rápida deve ser a atitude, rápida deve ser a solução.

Por que morar numa metrópole? Em cidade grande não existe mais essas coisas, não há a menor alternativa, um atalho, um corta-caminho, contornar, pense num caminho alternativo. Justa causa, demissão sumária. Em tempo de crise, como pude esquecer? Serei despedido fatalmente. Atualizado estará na nuvem? Todos os dados estão no computador, tenho aquela apresentação. Hoje, justo hoje! Implica em atraso, qualquer estratégia que possa adotar. Justo no meio deste trânsito impossível, esqueci o computador, verdadeiramente um pesadelo. Acordei.

PRELÚDIO, DIVERTIMENTO E FUGA



Em seus sonhos mais uma vez Ela aparecia. Vem querida! Volta! Esperava sonhando, esperava acordado, sonhava, falava o nome Dela em voz alta para ouvir em seu sentido pleno. Ela foi decidida, Ela foi com o propósito de enfrentar as batalhas do mundo comercial globalizado, resolver as demandas do mundo desejado, tudo certo e acordado por Eles, que viveriam uma relação virtual temporária. Ele esperando e Ela lutando. Sua primeira batalha era derrotar um gigante asiático na área tecnológica. Batalha a batalha, Ela seguia lutando contando os tempos. E a cada vitória o sentimento de estar mais próxima de casa.

Eles moravam num edifício de mais de vinte andares no centro da capital paranaense. Cidade sorriso nos velhos tempos, urbanoide na atualidade. A urbis veritas metropolis na noite da Santos Andrade. Curitiba não devia nada a ninguém, ou a nenhuma outra grande cidade do Brasil.

Ele voltava pra casa após a rotina que lhe distraía o pensamento da saudade incessante que sentia Dela. Sempre que passava inevitavelmente pelas imediações da Praça Santos Andrade era comum o assédio das profissionais. Preços módicos, satisfação garantida, dinheiro de volta, faço qualquer coisa, manda embrulhar, visito sua casa, bato palminha, chamo de madrinha, ousou em outras línguas, parcelo no cartão. Ele sempre diz não.

Entra na cafeteria para jantar, usar o Wi-Fi e talvez fazer um Skype, que seria muito bem-vindo. Nada feito, pelo menos saciou a fome. Encontrou uma velha amiga, antiga mesmo, de muito tempo, da faculdade, que há muito não encontrava, tocava violoncelo. Vanessa estava formada, contou seus rumores, trabalhos e amores, sozinha no momento, morando em Santos. Bem arrumada, limpa e perfumada, falava mais que a mulher da cobra. Gestos insinuantes, decotes extravagantes, sorrisos expressivos e mãos circundantes. Ele diz não como antes.

Ao chegar à portaria do edifício encontra uma vizinha. Sempre sozinha. Na divisão do elevador os dois corpos ocupavam o mesmo espaço. Os dois corpos tocavam os botões respectivos. Os dois corpos respiravam o mesmo ar ludibriante. Os dois corpos se movimentavam no inevitável elevar constante. Ela diz “nunca lhe falei”. Ele ouve “talvez falhei”. Ela diz que estava disponível. Ele ouve que o andar é previsível. Ela diz que sua casa está livre. Ele ouve que sua vó em Maringá vive. Ela diz “tem um vinho na geladeira”. Ele ouve que ela tem que dar mamadeira. Ao sacolejar o

elevador no *décimosegundandar* o desembarque dela se faz inevitável. Ele diz “não”, tentando não ser desagradável.

Mais um sacolejar e o elevador estava em movimento novamente. No *vigésimosegundandar* o sacolejo foi ainda maior e o desembarque mais rápido. Ele entra em casa e medita sobre os acontecimentos noturnos dos seres notívagos que lhe assediavam notórios neste instante marcante pré-sono onírico. Tenta relaxar, tenta se comunicar, tenta compreender, tenta sentir, talvez fosse melhor para um existencialismo metafísico. O que sentia era muito físico, uma saudade física, uma falta nítida, uma ausência lúcida. A campainha toca. Pensa. Age. Abre. Olha.

Sua vizinha de porta. Aline sabia que Ele estava sozinho há muito tempo. Ele sabia que Aline estava solteira há algum tempo. Aline sabia que Ele tinha acabado de chegar. Ele não sabia que Aline sabia. Aline sabia que a saudade aperta com o passar do tempo. Ele não sabia que Aline contava os dias. Aline sabia que Ela não deveria demorar. Ele não sabia que Aline sentia qualquer coisa por ele. Aline sabia que Ele era belo e forte. Ele não sabia que Aline costumava sair de casa de roupão. Aline sabia ser insinuante. Ele nunca tinha percebido Aline daquele jeito. Aline sabia serpentear a sua voz. Ele nunca tinha ouvido a voz de Aline. Aline sabia que o corredor era estreito. Ele nunca tinha visto daquele jeito. Aline sabia deixar abrir sutilmente o roupão. Ele não sabia que a porta ainda estava entreaberta. Aline entrou sem ser convidada. Ele não convidou. Aline se mostrava agitada. Ele não sabia o que fazer. Aline diz a palavra “algo”. Ele teve uma momentânea perda auditiva. Aline deixou mostrar sorratamente partes da lingerie. Ele teve desvio focal momentâneo. Aline começou a prolongar as frases passando a uma respiração mais ofegante. Ele continuava monossilábico. Aline redundou, pois sentia esgotar seu repertório, e olha que ela tinha um vasto repertório. Ele sentou distante e pensou quem seria o informante. Aline se deu por vencida e desistiu de sua investida.

Ela chegou. Como chegou três dias antes do aniversário Deles, decidiu que faria uma surpresa e ficaria escondida por três dias na casa de uma amiga. Como estava de férias decidiu se disfarçar e observar tudo que acontecia ao redor da sua casa. Por três dias acompanhou a rotina Dele a distância. Observou as profissionais e seus assédios, as colegas de turma a frequentar o café, a vizinha a esperar na portaria o momento exato de entrar no elevador, o porteiro a negociar suas informações privilegiadas, a vizinha de porta a frequentar as lojas de utensílios de uso íntimo, indiscreto e fomentadores no trato dos movimentos peristálticos repetitivos.

No dia dezesseis de junho, aniversário Deles, Ela ficou em casa o esperando. Ele nada sabia, só contava com a volta para dali a três dias.

O encontro foi estonteante. Beijou, conversas, amassos, sorrisos, abraços

lacrimejantes, conversas intermináveis, novidades repentinas, saudades insaciáveis, sorrisos incontroláveis, felicidades eternas, expressões reveladoras, amassos intermitentes, lasciva de ranger os dentes, flexões estridentes, protuberâncias adjacentes, abraços intermináveis, sorrisos expressivos, impulsos liquefeitos, espasmos de multiplicidades, repetições flexivas, decisões compulsivas.

No dia seguinte, Eles decidiram sair de mudança sem deixar vestígios.

A narrativa do Guilherme surpreende pela sua densidade. Como observador do mundo ele é extremamente perspicaz e, como escritor, muito generoso compartilhando essa visão tão aguçada e profunda da vida.

Neste livro ele ainda nos surpreende trazendo à narrativa a sua vivência como músico, sons, percepções, memórias afetivas. E assim como num jogo de realidade aumentada, o texto se amplia, se desdobra à nossa percepção.

Zélia Brandão

**Esta obra foi criada sem nenhuma
intervenção de inteligência artificial**

PROJETO REALIZADO COM RECURSOS DO PROGRAMA DE APOIO E INCENTIVO À CULTURA -
FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA E DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA

Realização



Incentivo



ISBN: 978-65-00-89963-4



9 786500 899634